

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 28**

**Nº 174**

**SETEMBRO - OUTUBRO**  
2010

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
Calçada do Tojal, 95, s/c	<b>Palavras de Kardec</b>	<b>4</b>
1500-592 Lisboa	<b>Escândalo p<sup>a</sup> as religiões...</b>	<b>7</b>
Telefone : 217 647 441	<b>Aos Espíritas</b>	<b>9</b>
*	<b>A cura pelo Amor (Soneto)</b>	<b>11</b>
Director Responsável :	<b>Recordando F. de Lacerda</b>	<b>12</b>
Manuela Vasconcelos	<b>Referências Morais</b>	<b>15</b>
	<b>“Fazer a minha parte”</b>	<b>18</b>
	<b>Páginas do Passado</b>	<b>22</b>
*	<b>Diante do Espelho (Poema)</b>	<b>27</b>
Tiragem : 150 exemplares	<b>A Indulgência</b>	<b>28</b>
Distribuição Gratuita		

\*

Registo nº.211720  
Depósito Legal Nº. 13972

\*

# EDITORIAL

Regressados das férias, uns e outros vamos retomando as nossas funções aproveitando, para tal, as energias renovadas que conseguimos acumular para mais uns tantos meses nas tarefas que temos ou nos propomos desempenhar.

E enquanto o LIVRO DOS ESPIRITOS nos confirma que “a lei do trabalho é uma necessidade”, ele esclarece-nos, igualmente, de que o trabalho é uma lei da Natureza, imposto ao homem como uma consequência da sua natureza corpórea. E aclara-nos, na Qst. Nº. 676, que “o trabalho é uma expiação e, ao mesmo tempo, um meio de aperfeiçoar a inteligência; sem o trabalho o homem permaneceria na infância intelectual, pelo que ele deve a sua alimentação, a sua segurança e o seu bem-estar ao seu trabalho e à sua actividade.” E mais à frente, na Qst. Nº. 678, podemos ler ainda: “A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades; quanto menos necessidades materiais, menos material é o trabalho. Mas não julgueis, por isso, que o homem permanece inactivo e inútil: a ociosidade seria um suplício, ao invés de ser um benefício.”

E, depois desta transcrição, pensamos poder-nos alongar um bocadinho sobre este tema, sem continuarmos a recorrer ao LIVRO DOS ESPÍRITOS mas, antes, procurando analisar em nós próprios as consequências do trabalho e da ociosidade. Como fazê-lo? Considerando o que sentimos no final de uma tarefa que nos propusemos realizar – e todos nós as vamos programando no dia a dia de cada um -, da satisfação de a vermos concretizada e da felicidade vivida por a termos conseguido fazer.

Em contrapartida, aquele *far niente* dos que afirmam não precisarem trabalhar, seja por que atingiram já a reforma, seja porque usufruem de bens materiais que lhes satisfazem as necessidades significa, para todo o que seja saudável, uma insatisfação que não se consegue classificar porque nada tem de agradável ou saudável.

Há alguns anos atrás, ouvimos de alguém, já bastante idoso, que nada havia de pior do que uma pessoa reformar-se e ficar sentada a um canto da casa, olhando para os pés, à espera que a morte chegasse! E estas palavras, de simples que são, mostramos, no entanto, o que cada um deverá fazer no seu dia a dia: ocupar as suas horas de maneira que aquilo que procure (ou crie) lhe mantenha o pensamento ocupado, rejuvenescendo-lhe o espírito, sempre criativo e criador, naquilo que cada um se proponha fazer.

Então, neste recomeço de tarefas, depois de umas férias que, com certeza, todos merecemos, que cada um encontre no seu trabalho a alegria e disposição necessárias para as levar de vencida, com a disposição dum espírito criador que apenas se sente realizado quando trabalhe em proveito próprio e daqueles outros que de si se aproximem. Bom trabalho para todos.

## ***A DIRECÇÃO***



# PALAVRAS DE KARDEC

## ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO

### VIII – O VERBO SE FEZ CARNE

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

“Ele estava no princípio com Deus.

“Todas as coisas foram feitas por ele, e nada do que foi feito, foi feito sem ele;

“Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens;

“E a luz resplandeceu nas trevas, mas as trevas não a compadeceu nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.

“Houve um homem enviado por Deus, que se chamava João. Este veio por testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele;

“Ele não era a luz, mas para que desse testemunho da luz.

“Era a luz verdadeira, que alumia a todo o homem, que vem a este mundo.

“Estava no mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu.

“Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

“Mas a todos os que o receberam deu ele poder de se fazerem filhos de Deus; aos que crêem no seu nome.

“Que não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória como Filho unigênito do Pai, cheio de graça e verdade.” (S.JOÃO, I: 1 a 14).

Esta passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente uma ideia de identificação entre

Deus e a pessoa de Jesus; é também aquela sobre a qual se estabeleceu mais tarde a controvérsia a respeito do assunto.

A questão da divindade de Jesus foi sendo, gradualmente, suscitada. Nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações de alguns e sobre as palavras – **Verbo** e **Filho**: mas foi somente no 4º século que uma parte da Igreja a adoptou. Este dogma, portanto, é o resultado de decisões humanas; não emana de revelação divina.

É preciso notar-se que as palavras supracitadas são de João e não de Jesus e admitindo-se que não tenham sido alteradas, não exprimem, na realidade, senão uma opinião pessoal, uma indução, onde se descobre o misticismo habitual da linguagem daquele escritor. Não podem, pois, prevalecer contra as reiteradas afirmações do próprio Jesus. Aceitando-se, porém, tais quais são, ainda assim elas não resolvem a questão do sentido da divindade, porque tanto se aplicariam a Jesus-Deus, como a Jesus-criatura de Deus.

De facto, o Verbo é Deus, porque é a palavra de Deus. Jesus, tendo recebido esta palavra directamente de Deus, com a missão de a revelar aos homens, assimilou-a. A palavra divina que ele observou, encarnou-se nele. Ele a trouxe consigo, nascendo, e é com razão que disse: **O Verbo se fez carne e habitou entre nós**. Jesus podia, pois, ser encarregado de transmitir a palavra de Deus sem ser Deus, como um embaixador transmite as palavras de seu soberano, sem ser o soberano.

Segundo o dogma da divindade, é Deus quem fala; na outra hipótese, ele fala pela boca do seu enviado, o que não prejudica a autoridade das suas palavras. Que autoriza, porém, antes esta do que a outra suposição? A única autoridade competente para cortar

a questão, são as próprias palavras de Jesus, quando diz: **Eu não falo por mim; mas Aquele que me enviou, me prescreve por seu mandamento, o que devo dizer: a minha doutrina não é minha, mas sim d’Aquele que me enviou; a palavra que tendes ouvido não é minha, mas de meu Pai, que me enviou.**

É impossível exprimir-se alguém com mais clareza e precisão. A qualidade de **messias** ou **enviado**, que lhe é dada em todos os Evangelhos, implica uma posição subordinada a quem lha deu; quem obedece não pode ser igual a quem manda.

João caracteriza esta posição secundária – e, por conseguinte, estabelece a dualidade das pessoas, quando diz: **nós vimos a sua glória, a sua glória como filho único, que a devia receber do Pai**; porque aquele que recebe, não pode ser o que dá, nem aquele que dá a glória, pode ser igual ao que a recebe. Se Jesus é Deus, possui a glória por si mesmo e não precisa que outro lha dê. Se Deus e Jesus são uma mesma pessoa com dois nomes diferentes, não poderia existir entre eles nem supremacia, nem subordinação. Desde, pois, que não há paridade absoluta de posição, é que são duas pessoas distintas.

A qualificação de **Messias divino** não significa igualdade entre o mandatário e o mandante, mais do que entre um rei e o seu representante a de **enviado real**. Jesus era um Messias divino pela dupla razão de ter recebido de Deus a sua missão, e estar em relação directa com Deus pelas suas perfeições.

*(Continua no próximo número)*

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).

# ESCÂNDALO PARA AS RELIGIÕES, LOUCURA PARA A HUMANIDADE

*“Ai do mundo por causa dos escândalos;  
porque é necessário que sucedam escândalos,  
mas ai daquele homem por quem o escândalo  
vier.”(MATEUS, 18: 6-11)*

Uma das maiores dificuldades da prática do Espiritismo, - não da prática de sessões, mas de vivência espírita, da aplicação dos princípios doutrinários à Vida prática, - reside na falta de compreensão dos objectivos da Doutrina...

As pessoas que ingressam no Espiritismo, vindas do campo religioso, pretendem praticá-lo à maneira de uma nova seita. As que provêm do campo materialista, ou simplesmente do descampado da descrença, querem acomodá-lo ao “*dolce far niente*” a que estão habituadas.

Nenhuma dessas duas atitudes corresponde aos objectivos do Espiritismo.

O espírita não pode ser um religioso do tipo comum, apegado aos santos de sua devoção ou aos Espíritos Guias, aferrado fanaticamente às tendências místicas do passado, porque o Espiritismo o liberta desse condicionamento emocional, chamando-o à responsabilidade própria, através do uso da razão.

O espírita não pode ser, também, um indiferente aos problemas religiosos, um crítico amargo da religiosidade alheia, um homem apegado ao mundo com unhas e dentes, porque o Espiritismo o ensina a respeitar as etapas evolutivas da Humanidade e ao mesmo tempo o liberta das atrações e ilusões da Vida material.

A posição do espírita é certamente difícil, porque é a do equilíbrio entre os extremos: nem fanatismo religioso, nem apego à Vida prática, nem indiferença pela religião ou pela Vida.

Por isso mesmo, os religiosos nos acusam de falta de religião, e os materialistas nos acusam de fanáticos e sectaristas. Isso deve lembrar-nos a frase de Paulo, o apóstolo: “Cristo crucificado é escândalo para os judeus e loucura para os gregos.” (1.Coríntios, 1:23).

Os judeus não podiam compreender um Messias condenado, como os gregos achavam loucura um “deus” submetido à justiça humana.

A posição do espírita é hoje escândalo para os religiosos e loucura para os homens do mundo. Porque o espírita não se submete aos dogmas e sacramentos da liturgia humana, como também não se perde na competição das glórias e conquistas mundanas.

Consciente do processo evolutivo, que o Espiritismo lhe ensina, o espírita só admite a *fé* raciocinada, e por ela regula a sua conduta.

***JOSÉ HERCULANO PIRES***

(In: O Infinito e o Finito, ed. 1983, pp. 61 a 62. Por gentileza do confrade Rogério Coelho, de Mauriaé, MG. – Brasil).



# AOS ESPÍRITAS

Aos espíritas cumpre a grande tarefa de viver o amor.

Aos espíritas está destinada a grande tarefa de exemplificar o amor em actos, não em palavras. Através da acção por intermédio da vivência, porque o mundo está cansado de ouvir, mas necessitado do estímulo que decorre do exemplo daqueles que vivem o que ensinam.

A união dá-nos o sinal de Jesus, fortalecendo os nossos sentimentos e a unificação dos espíritas. Sejam as forças morais e doutrinárias para expansão da mensagem libertadora.

Certamente enfrentareis desafios. Tornai-vos pontes que facilitam o acesso de uma para a outra margem, neste mundo no qual existem tantos indivíduos que optam pela postura de obstáculos que dificultam o acesso.

Esquecei as vossas divergências e uni-vos nas concordâncias. Deixai à margem o ego perturbador e assumi a situação de filhos do calvário, que contemplam a cruz pensando na ressurreição gloriosa.

Espíritas, filhos da alma, aqui estão connosco dentre muitos, também confraternizando nesta noite que dá início à unificação decorrente da união das almas, os companheiros Carlos Jordão da Silva e Luiz Monteiro de Barros, que tanto lutaram pela edificação da identidade do Bem pelo serviço do Amor. A união multiplica os valores, a separação desarma as defesas e, naturalmente, vem a desagregação.

Não postergueis o Evangelho de Jesus, diz-nos o Apóstolo dos gentios. Avante, dai-vos as mãos, uni-vos no amor com Jesus e com Allan Kardec. Deixai de lado os melindres, para pensardes na felicidade indizível de glória da Doutrina Espírita e não na exaltação de quem quer que seja.

Espíritas, o tempo urge! Amai. Se não puderdes amar, perdoai; se for difícil perdoar, desculpai; e se encontrardes obstáculos para desculpar, tende compaixão, como nosso Pai tem-na em relação a todos nós, ensejando-nos a bênção da reencarnação para reeducarmo-nos, para recuperarmo-nos, para realizarmos a tarefa que ficou interrompida na rectaguarda.

Que o Senhor de bênçãos nos abençoe, meus filhos, são os votos do servidor humílimo e paternal de sempre,

***BEZERRA***

(Mensagem transmitida pelo Espírito Bezerra de Menezes, através do médium Divaldo Pereira Franco, no final da conferência realizada no Auditório Bezerra de Menezes, da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, na noite de 18 de Abril de 2004, por ocasião da comemoração dos 140 anos do livro “O Evangelho S/o Espiritismo” – 1864/2004. Por gentileza de Carlos Alberto Castelão –, Vila Velha, Espírito Santo, Br.).



# A CURA PELO AMOR

Como agir com a alma insana  
Que irradia ódio pela própria vida  
Que de si, a mágoa emana  
E à culpa dá guarida?

A lei divina que faz o caminho,  
Tem no Amor a lição maior.  
Mas se a rebeldia faz ninho,  
Ela dá aos homens o auxílio da dor.

A lição destes dias foi marcante  
E convida para que se siga adiante  
Sob a luz dos ensinamentos do Senhor.

O remédio alivia o sofrimento  
Mas só há o real crescimento  
Naquele que vivencia o amor.

**FERNANDO LACERDA**

(In: Revista Espírita Verdade e Luz, Julho/Agosto/2010. Psicografia do médium Dr. Roberto Lúcio Vieira de Souza durante as V Jornadas Portuguesas de Medicina e Espiritualidade, realizadas em 29 e 30/5/2010).

# RECORDANDO FERNANDO DE LACERDA

Estamos em Agosto, mês que duplamente nos lembra o querido médium português, seja pela data do seu reencarne em 6 de Agosto de 1865, como a do seu desencarne, no mesmo dia e mês, mas em 1918: entre as duas medeia o espaço de 53 anos – aqueles em que o Espírito reencarnado esteve na Terra, cumprindo mais uma vivência de aprendizado e tarefa.

Como tarefeiro da espiritualidade, ele foi bem o precursor dos “grandes” médiuns brasileiros que conhecemos e homenageamos esquecidos, como sempre, do português simples, humilde, digno, nobre e caritativo que não só soube atrair para a Doutrina dos Espíritos figuras gradas da sua época como soube usar a sua mediunidade como o bem maior que possuía, dignificando-a sempre.

Vamos recordá-lo, neste mês, na transcrição de parte da psicografia que fez de uma das muitas mensagens do Espírito Eça de Queiroz e onde encontramos, sem qualquer espécie de dúvida, toda a verve e ironia do grande escritor português. Escrita em 27/XI/1906, ela consta do 1º volume do livro “Do Paiz da Luz” que Fernando de Lacerda editou, então, a expensas suas:

“(…)

“Nos últimos momentos que vivi nesse vale de lágrimas... de crocodilo, enclavinhei as minhas unhas de naufrago na tábua da derradeira esperança no ressurgimento, como um jogador *enragé* na esperança da sorte próxima. Pois fui tomado de igual assombro ao ver que essa sorte me tinha saído, e que este corpo, só de ossos

feito, jazia estatelado no fofo colchão onde finalizou a sua marcha, e eu – o meu apetecido eu espiritual – me despegava dele como de uma véstia inútil e sebosa, saindo daquela desengonçada prisão, como um pintassilgo de uma gaiola velha.

“Não sei bem se o pintassilgo, ao sentir-se livre, canta imediatamente hinos à liberdade querida; eu é que, confesso, não me senti logo com muita vocação para a cantoria.

“É que nesse ramo da *bell'arte di canto* fui sempre um desgraçado.

“Trauteava às vezes, baixinho, a medo de me surpreender eu próprio no estranho caso, um fadinho brejeiro ou uma modinha de Vila do Conde; e qualquer dessas coisas não tinha na grandeza a solenidade do acto, nem o *entrain* de uma *marseillaise* celestial; por isso senti grande embaraço na conjuntura.

“A minha consciência – o tal guarda-livros a que anteontem te aludi – deu-me um repelão furioso e atirou-me da dificuldade; e cruzando os braços diante de mim, perguntou-me em fera catadura:

“- Vamos, *blasé*; vamos, vencido da vida (oh! Oh!); vamos, ironista; vamos, idiota, dize lá o que fizeste.

“Por onde andaste com esse fenomenal riso de parvo?

“Que bagagem dás ao manifesto, ao passar a aduana celestial?...

“Senti-me aterrado.

“Nunca, nas minhas mais fantásticas concepções imaginei que houvesse aqui uma sucursal da aduana portuguesa.

“Era a mesma delicadeza e a mesma curiosidade!

“Estaquei de assombro, e reflecti que devia ser bem poderosa a minha pátria lusa, para estender as suas raias até além da imortalidade. Procurei equilibrar-me, e reflexionei: - Vamos, tendo de haver aqui guarda fiscal e não sendo francesa, prefiro então que seja minha patrícia. E quis parlamentar.

“Mostrei a minha rica bagagem.

“- Olhe, aqui tem. Este é *O crime da estrada de Cintra* – o meu primeiro crime...

“Abriu muito os olhos e respondeu:

“Isto aqui não é Boa-Hora. Diga o que traz. Eu não tenho nada com os seus crimes...

“- ... *O crime do Padre Amaro*...

“ – Já lhe disse que isto aqui não é Boa-Hora... que tenho eu agora com o crime do Padre Amaro?... Padres criminosos têm aqui passado muitos...

“- ... *O Primo Basílio*...

“- Não preciso conhecer a família... Adiante.

“- *O Mandarin*...

“- Mau! Você está a brincar comigo? Que tenho eu com os mandarins! Nós não estamos na China, no celeste império, estamos no império celeste.

“- Achei graça ao tracadilho garrídico do Céberbo aduaneiro e continuei: - *Maias, Fradique Mendes, Relíquias, Cidades e as Serras*, cartas de várias partes do globo terráqueo, artigos de revistas, jornais, contos...

“- Homem, pare lá! Mas que tenho eu com isso?...

“Fez-se luz para mim. Esquecia-me de que a guarda fiscal portuguesa não sabia ler!!!

“- Pois, senhora guarda fiscal, não trago mais nada útil.

“- Pois, senhor viajante, será mais verdadeiro se disser que não traz nada útil.

“Bagagem avariada, bagagem avariada!

“Pode passar sem pagar despacho, mas não lhe auguro nada de bom aí mais para diante. Vai suceder-lhe como à cigarra de La Fontaine: - cantou, mas vai dançar agora...

“Aterrorizei-me. Que me iria suceder?

“Quis comover a minha patrícia. Falei-lhe no português mais comovente que sabia, e ela desatou a rir. Compreendi então que nunca foi o meu forte fazer chorar os outros... senão de raiva ou de

inveja; e lamentei não ter estudado no meu dicionário os palavrões que puxam a lágrima e sensibilizam os corações aos soldados e às matronas. O que sabia era de meu próprio uso, espécie de camisa de noite, qualquer coisa de pessoal como uma escova de dentes, ou umas pantufas da manhã; e disso não podia oferecer para a sensibilidade alheia.

“Lembrei-me de lhe cantar a palinódia de Juvenal, de que *ridendo castigat mores*; mas o Cérbero estava como o meu médium: - não sabia latim.

“Desisti. Passei, cabisbaixo.

.....

*EÇA DE QUEIROZ, Esp.*

(In: Do País da Luz, 1º vol, cap. XIII; ed. ‘Luz no Caminho’, Braga, 1989).

\*

## REFERÊNCIAS MORAIS

Quais as razões que levaram o Cristo a ser tão enérgico no trato com os fariseus?

Do hebraico *pharush* farisaísmo quer dizer divisão, separação, oposição...

Extremamente dedicados aos rituais e aos cultos exteriores, primavam pela falsidade das aparências. Orgulhosos, nada

admitiam que lhes contrariasse o fanatismo de seus hábitos. Mentirosos, pregavam e exigiam o que não praticavam. Aparentavam santidade para encobrir actos imorais.

Jesus os conhecia plenamente!

Para dar base moral ao Cristianismo, o Divino e Sábio Mestre os denunciava publicamente para mostrar aos seguidores de todas as crenças e de todos os séculos, o quanto a justiça de Deus repudia o orgulho, o fanatismo, a mentira, a falsidade, deixando claro o destino doloroso que aguarda os que ainda hoje insistem nesses procedimentos, advertindo-nos: *“Afastai-vos de mim, todos vós que praticais iniquidade”* (Lc: 13:23), e completa: *“Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! Entrarão no reino dos céus”* (Mt: 7:21).

Obviamente, Jesus dirigiu-se aos cristãos.

Há que ressaltar a argúcia incomum do Celeste Enviado que, com habilidade pedagógica, situava os erros com irrefutável clareza.

Eram os fariseus sedutores de esposas dos amigos recém-desencarnados, os *“salteadores de viúvas”* (Lc:20). Golpistas, tentaram enganar o Senhor que lhes repreendeu: *“Hipócritas, porque me tentais?”* (Mt: 22). Tornou, novamente: *“Hipócritas, bem profetizou Isaías, quando disse: esse povo me honra com os lábios, mas conserva longe de mim o coração”* (Mt: 15). *“Sois semelhantes aos sepulcros caiados. Por fora se mostram belos, mas estão repletos de toda imundície”* (Mt: 23), comparou-os Jesus. Ensinou-nos a orar, combatendo a falsidade e o orgulho: *“Quando orardes, não sereis hipócritas”* (Mt: 6).



Há inumeráveis passagens nos textos evangélicos em que o Cristo estabelece, de forma nítida, as referências morais que nós, espíritas, não podemos ignorar.

Seria por esses motivos que os benfeitores espirituais insistem em mostrar o fracasso de espíritas? Suas dores e desespero nos umbrais e nas próprias consciências?

Livros como ‘Os Mensageiros’, ‘Obreiros de Vida Eterna’, ‘Instruções Psicofônicas’, ‘Vozes do Grande Além’, da lavra de Chico Xavier e ‘Reencontro com a Vida’, ‘Tormentos da Obsessão’, ‘Entre dois Mundos’, psicografados por Divaldo Franco, entre outros, dão bem a dimensão dos desastres morais daqueles que vivem de aparência, esquecidos dos sentimentos ensinados e vividos pelo Cristo.

O poder ainda fascina a muitos. O ciúme tem sido constante em nossas instituições. A competição por destaque é uma dolorosa constatação. A intriga, a maledicência, o mau-humor, a perseguição a dedicados companheiros se fazem presentes nas relações fingidamente fraternas.

\*

(In: Jornal MUNDO ESPIRITA, brasileiro, da Federação Espírita do Paraná, Julho de 2010, de onde transcrevemos, com a devida vénia este Editorial, que não se encontra assinado).

\*

## “FAZER A MINHA PARTE”

Lemos, há alguns anos atrás, um conto de um autor cujo nome não fixámos, mas retivemos o seu texto na nossa memória e, pelo seu significado, vamos tentar transmiti-lo para todos.

Um turista de um qualquer país estrangeiro, dirigiu-se até à praia e, ao aproximar-se da beira mar, reparou num rapaz dos seus 18 anos que se baixava, apanhava qualquer coisa que lançava à água e voltava a baixar-se, num mesmo gesto repetitivo que não parava. Aproximando-se mais, ele reparou que a beira mar estava repleta de estrelas marinhas – o objecto que o rapaz ia atirando sempre para longe, nas águas.

Curioso, perguntou-lhe a razão do seu gesto e o jovem respondeu-lhe, sem parar:

- A maré trouxe para terra todas estas estrelas do mar, que eu estou a tentar salvar, devolvendo-as à água.

Olhando a beira mar pejudas de estrelas, o turista observou:

- Mas elas são muitas! O sol já nasceu, o calor está a apertar e você não vai conseguir salvá-las a todas!

Encolhendo os ombros, o rapaz respondeu-lhe:

- É verdade que não, mas... eu faço a minha parte, não é?!

O turista ficou uns instantes a olhar o rapaz, que se movia incessantemente; depois, descalçou os ténis, arregaçou as calças e começou, também ele, a “fazer a sua parte”.

Lembramos muitas vezes este conto quando algo surge para se fazer e vamos ficando olhando uns para os outros, esperando sempre (ou quase sempre) que alguém tome a iniciativa, mas não nos predispondo nós a começar... Lembramos e pensamos em tantas coisas que deixam de se fazer apenas por que alguém não “fez a sua parte”, esquecido de que no meio onde se encontra inserido, seja no seu lar, com os seus familiares, na escola, na faculdade, no trabalho, na sociedade, cada um de nós tem sempre o dever de “fazer a sua parte”... e até mesmo quando ingressamos num ambiente diferente do nosso, ou quando nos dispomos a frequentar qualquer outro, temos sempre por obrigação aceitar e seguir a disciplina por que, ali, uns e outros se regem, e fazemos também nós, a nossa parte, cumprindo com a mesma – obedecendo, afinal, e respeitando os ditâmes ou normas das casas onde acabámos de ingressar, seja um qualquer clube, associação recreativa, biblioteca ou um Centro Espírita.

E, referindo os Centros Espíritas, não podemos esquecer que é cumprindo com disciplina as determinações que a sua direcção estabeleceu, que se consegue um bom ambiente, sempre mantido pela boa harmonia que deverá existir entre todos os seus colaboradores e se obtem, ainda, o auxílio espiritual de que necessitamos.

A este respeito, observa-se, por vezes, que aqueles que procuram uma Casa Espírita, seja por curiosidade, seja por necessidade, seja pela fé que vivenciem, se esquecem desta norma, tão simples afinal porque deverá ser usada em qualquer lado, e vão tentando agir tal como se estivessem nos seus lares, sem se preocuparem em pensar que as suas atitudes, indisciplinadas porque diferentes das que deveriam procurar seguir, prejudicarão não só a todos como e principalmente aos próprios que ali acorreram procurando ajuda..

Verifica-se isto, até mesmo relacionado com o socorro espiritual daqueles que ali procuram o alívio para os seus males, que querem logo ver terminados, mas... quantos não pensam que “eles” – aqueles a quem recorreram – é que têm obrigação de agir, e nada procuram fazer ou seguir das orientações que lhes foram dadas no atendimento?! Outros ainda, que dos Centros querem apenas o passe, não se preocupam em chegar atempadamente às reuniões que o precedem porque apenas o mesmo lhes interessa... e falham no próprio auxílio que pediram porque ele terá que ser vivido no todo e não apenas numa parte! E há aqueles que sendo avisados para o facto de nas salas onde se realizam as reuniões doutrinárias não se dever conversar, havendo a alertá-los o aviso de que “O silêncio é uma Prece”, falam e falam como se não tivessem ido ali para outra coisa... e continuam com os telemóveis ligados, apesar da recomendação de os desligarem assim que entram!

Todos estes não estão “fazendo a sua parte”, esquecidos ainda que a liberdade de cada um acaba no local e momento onde começa a liberdade do seu próximo... e liberdade é, ainda, a maneira como somos capazes de nos respeitar uns aos outros!

Aprendemos que a Doutrina Espírita veio para a transformação do Homem mas, frequentando Grupos ou Centros Espíritas esquecemo-nos do que escutamos dos ensinamentos que procuram transmitir-nos e não tentamos, muitas das vezes, começarmos a sermos bons para nós próprios iniciando aquela *reforma íntima* que se nos faz tão necessária ao nosso aprimoramento. “Sou como sou – dizem alguns – e se quiserem lidar comigo é assim que me têm de aceitar”.

Pode ser que, quem assim se manifeste, pense que tem uma personalidade bem marcada mas “isto” não é personalidade: nós chamar-lhe-íamos outra coisa muito diferente e que os mais velhos referiam com um certo humor, afirmando que quem assim procede com certeza que não tomou chá em pequenino!!!

Então, façamos cada um de nós, sempre, a nossa parte, seja como filhos, estudantes, pais, trabalhadores – elementos que compomos esta Sociedade que é a nossa, pensando que está em nós, na maneira como agirmos e dermos o nosso contributo, a quota parte necessária à construção de um mundo melhor.

### **MANUELA VASCONCELOS**

*Procura tempo para pensar – é a fonte do poder.*

*Procura tempo para ler – é a fonte da inteligência.*

*Procura tempo para amar e ser amado – é um privilégio que Deus concede a cada um.*

*Procura tempo para servir – é o caminho da bondade.*

*Procura tempo para rir – é a música do Espírito.*

*Procura tempo para dar – um dia é demasiado curto para se ser egoísta.*

*Procura tempo para trabalhar – é o preço do sucesso.*

**SUN MYUNG MOON**

# PÁGINAS DO PASSADO

## **A Procissão das Sombras num entardecer da Flandres**

Foi aí pelos fins de Agosto de 1918, à luz do entardecer de um trágico dia de guerra, que eu vi desfilar sobre a terra dilacerada da Flandres uma fantástica procissão de sombras!

Sombras que irradiavam luz; luz que era um grito formidável acordando as almas, abarcando o mundo, vibrando nas coisas e na própria Imensidade, deserta àquela hora!

Nunca esquecerei essa visão impressionante, esmagadora.

E agora, que o ódio e a loucura criaram, novamente, sobre o Planeta o inferno inconcebível da guerra que, a prolongar-se, virá a ser infinitamente mais cruel que a de 1914-1918; agora, que a inutilidade de tanto sacrifício consumado é mais patente, essa visão surge mais dominadora e mais nítida a meus olhos de homem e de irmão.

\*

Depois da batalha de La lys, desencadeada pelos alemães na madrugada de 9 de Abril, foram abandonadas as trincheiras onde as tropas se haviam batido e vivido como toupeiras.

O Corpo Expedicionário Português, desfalcado grandemente nos seus objectivos e nos seus quadros, pois que de Portugal havia deixado de seguir reforços, não tinha condições de resistência a um ataque levado a afeito por forças três ou quatro vezes superiores numericamente. Por outro lado, a artilharia pesada, que apoiava as linhas portuguesas, havia sido retirada, na sua quase totalidade, para acudir à ofensiva do Somme. O cerrado nevoeiro desse dia, completando o quadro de dificuldades, tornou possível a penetração inimiga em Armentières (exactamente na junção da linha portuguesa com a linha britânica), penetração de que resultou o envolvimento.

Mesmo em circunstâncias tão críticas, tão desfavoráveis, as tropas do C.E.P. se bateram com valentia. Porém, da luta, da morte e do abandono, resultou o que era inevitável: *a necessidade de as reorganizar.*

Essa reorganização teve lugar sob o impulso de alguns bons entusiasmos que ansiavam colaborar, até o fim, na tarefa de honrar o nome português e de servir o Direito contra a força bruta.

Eu pertencia, então, ao Batalhão de Infantaria nº 15, comandado pelo bravo major Ferreira do Amaral. Foi desta unidade que partiu o apelo de reorganização com o pedido de marcha imediata para o *front*.

E o 15, reorganizado sob a designação de *Batalhão de Portugal*, tendo no seu efectivo soldados de quase todos os pontos do País, voluntários, todos, oficiais e soldados, ia marchar...

Como existissem nesse batalhão reorganizado alguns oficiais recentemente chegados de Portugal, que não haviam ainda, por isso mesmo, recebido o *baptismo de fogo*, levantou-se a ideia de

mostrar-lhes as “nossas antigas linhas”, já então, novamente, campo de combate.

Eu, o capitão Brito Pais – bravo aviador destacado para a primeira linha, - o alferes Alfredo Filipe, hoje distinto advogado em Lisboa, e outros, organizámos a caravana e pusemo-nos em marcha para a terra mártir, acompanhando e guiando os briosos *novatos* nas duras lides da guerra.

Atravessámos povoações reduzidas a escombros, tropeçámos em mil destroços que tinham constituído outros tantos sonhos e venturas da laboriosa e boa gente do norte da França; prendemos os olhos e a alma em todas as torturas reveladas na própria face da terra; descobrimo-nos perante as cruzes isoladas e partidas dos pobres combatentes que nem na morte alcançaram a paz; abismamo-nos ante a profanação praticada pela metralha nos velhos cemitérios das povoações da frente, e guardo ainda a sensação que recebi ao olhar, em Lacture, os jazigos desmoronados, as sepulturas revolvidas, os caixões abertos ou partidos, mostrando cadáveres de homens, de mulheres e de crianças, alguns com feições ainda reconhecíveis, em expressões que eram verdadeiros gritos de revolta, verdadeiros brados de protesto contra o ódio, apelo supremo de um mundo estranho à consciência entorpecida dos homens!

E sob a abóbada protectora da artilharia inglesa, onde já a essa altura estavam adstritas as baterias portuguesas reorganizadas, alcançámos o labirinto das nossas velhas trincheiras de comunicação.

Aos que as tinham pisado várias vezes, sob o peso da metralha e das surpresas frequentes das *rendições*, elas traziam, a cada passo, recordações chocantes. Aqui, tombara um camarada e



irmão; além, uma rajada de metralhadoras ceifara vidas preciosas; mais adiante, um morteiro pulverizara uma ordenança portadora de uma ordem! Adivinhavam-se as pegadas das tropas lusitanas, e nos taludes o tempo não apagara, ainda, as manchas do sangue português!

Há quem, por prudência, receie embrenhar-se naquele campo de piso incerto, pois que a luta, transformada, agora, em guerra de movimento, torna duvidosa a posição exacta dos combatentes.

Mas, o desejo de voltar a ver as velhas linhas da frente e o trágico *campo de ninguém*, e ainda o de familiarizar os *novos* com o perigo, acabam por vencer e a marcha continua até final. E surgem os parapeitos arrasados pela fúria dos canhões e dos morteiros. Faz-se, ao longo deles, uma peregrinação de estudo e de saudade pelos que ali tombaram, evocando as horas de luta, lembrando batalhas e episódios, que a dois passos de nós se estavam a repetir. Por fim, a caravana deixa os parapeitos e pisa a terra fantástica de *ninguém*.

Desce-se ao fundo das crateras das minas, rasgam-se as roupas no inferno dos arames farpados, coleia-se por entre a incrível sementeira de crateras dos morteiro, em cujos fundos se guardavam, ainda, armadilhas traiçoeiras. E, por toda a parte, surgem vestígios da incalculável tragédia que ali teve lugar durante cerca de quatro anos! Roupas rasgadas e ensanguentadas presas nos arames; esqueletos humanos intactos, secos pelo sol e lavados pela chuva de mais de um inverno; mãos despidas de pele e de carne, tombadas como folhas soltas e sem cor, dedos preados na terra, a lembrarem a última ânsia de apego à vida, a derradeira tentativa de fuga à morte inevitável; órbitas vazias voltadas para o Céu, num grito de pavor; botas de coiro grosseiro requeimadas, servindo de caixão a pés apodrecidos, que um dia sustentaram

corpos viris e pisaram solos de ofensivas e campos de trabalho abençoado!

Nos olhos da caravana não há lágrimas; mas a dor e a revolta contra o mal bradam na alma de todos a maldição à Guerra!

O Sol desce, apressadamente, nesse trágico entardecer de Agosto na Flandres.

Regressámos...

Volto-me para olhar, pela última vez naquela tarde, a *Terra de Ninguém* e os parapeitos arrasados... Visão da minha alma perturbada, milagre da luz do sol abraçando os relevos do terreno e os destroços, ou realidade, eu vi, ao longo dos parapeitos e do campo entre trincheiras, erguerem-se e desfilar, em cortejo fantástico, sombras humanas que se destacavam num fundo de luz inegalável! Sombras conhecidas que me olhavam; companheiros e irmãos de armas; amigos e inimigos; uma interminável procissão de estranhas vidas levantadas do trágico campo de mil batalhas, para me afirmarem a negação da morte!

E enquanto sobre nós e mais distante, a fúria da metralha ia gritando: - Inferno! Inferno! Inferno! -, desse cortejo de sombras nem entardecer da Flandres, vinha este brado sacrossanto:

- Amor! Amor! Amor!

**MANUEL CAETANO DE SOUSA**

(In: REVISTA DE ESPIRITUALISMO, da FEP, nº. 5, de Outubro de 1939).

# DIANTE DO ESPELHO

Mulher!

É noite e, em teu quarto, teu espelho  
Reflecte a dor dos teus olhos vermelhos,  
O desencanto. Canto, solidão!  
Ao fim de mais um dia, sem saída,  
Passaste anónima e despercebida,  
Foste mais uma em meio à multidão.

Ninguém, em ti, notou o coração sensível,  
Somente as formas, o corpo perecível,  
Confundida em injusta generalidade.  
Passaram por ti e nem sequer te viram!  
Te procuraram e não te descobriram,  
Tão escondida estavas em tuas verdades!

Apenas enxergaram tua boca vermelha,  
Cabelo ao vento, brincos nas orelhas...  
Viram-te, só matéria, da cabeça aos pés!  
Mas... o futuro te espera em outra vida,  
Onde enfim liberta, alma redimida,  
Então serás amada só pelo que és!

*JOANA ABRANCHES*

(Poetisa, espírita e dirigente de uma Casa Espírita em Espírito Santo, este um poema com que nos brindou, do seu último livro editado).

# A INDULGÊNCIA

(...)

O homem indulgente não vê os defeitos alheios; ou, se os vê, evita falar deles, divulgá-los. Ao contrário, oculta-os, a fim de que se não tornem notórios senão dele unicamente e, se a malevolência os descobre, tem sempre pronta uma escusa para eles, escusa plausível, séria, não das que, com ares de atenuar a falta, mais a evidenciam com pérfida habilidade.

O homem indulgente jamais se preocupa com os maus actos alheios, a menos que seja para prestar um serviço, mas ainda assim com o cuidado de os atenuar tanto quanto possível. Não faz observações chocantes, nem traz censuras nos lábios, mas apenas conselhos, quase sempre velados. Quando critica, que dedução se deve tirar das vossas palavras? A de que vós, que censurais, não praticastes o que condenais, e que valeis mais do que o culpado. Oh, homens! Quando passareis a julgar os vossos próprios actos, sem vos ocupardes do que fazem os vossos irmãos? Quando fitareis os vossos olhos severos somente sobre vós mesmos?

Sede, pois, severos convosco e indulgentes para com os outros. Pensai n'aquele que julga em última instância, que vê os secretos pensamentos de todos os corações, e que, em consequência, desculpa frequentemente as faltas que condenais, ou verbera as que desculpais, porque conhece o móvel de todas as acções. Pensai que vós, que clamaís tão alto: 'Anátema!' talvez tenhais cometido faltas mais graves. Sede indulgentes, meus amigos, porque a indulgência atrai, acalma, corrige, enquanto o rigor desalenta, afasta e irrita.

***JOSÉ, ESPÍRITO PROTECTOR***

(In: O Evangelho S/o Espiritismo, Kardec, Allan, cap. X).









